

Avaliação: Um Grande Problema ou Uma Grande Solução ?

Liana Carvalho Braid

Especialista em Didática
aplicada em Educação
Física
Professora da
Universidade de
Fortaleza e Técnica em
Educação da Secretaria
Executiva Regional II -
PMF.

RESUMO

O texto faz uma análise da avaliação no contexto do processo ensino-aprendizagem. Expõe os objetivos e metodologias da avaliação da aprendizagem nos dias de hoje, indicando que esta pouco se modificou nas últimas décadas e propõe uma revolução, na medida em que provoca os docentes a uma reflexão sobre os fins da avaliação e sobre como utilizá-la de forma mais humana e comprometida com o processo de construção do conhecimento.

ABSTRACT

This text analyses the evaluation on the context of the teaching-learning process. It shows the objectives and methodologies of the learning evaluation now a days, indicating that this has changed very little for the last decades and it gives a revolution and tells about how to use it in a very human and it's compromised to the process of constructing of learning.

INTRODUÇÃO

A nossa postura enquanto educadores, no que se refere a proposta pedagógica, vem passando por grandes modificações quanto aos conteúdos e metodologias, mas no momento da avaliação, a prática na maioria das vezes, vem sendo a mesma dos nossos avós, cujo objetivo era o de classificar o aluno e confirmar o poder do professor sobre a sua classe.

Temos uma preocupação e enorme carga de trabalho, de, ao final de cada período, corrigir os trabalhos e provas dos alunos,

com a finalidade de classificá-los (péssimo – excelente; zero – 10,0; etc.) e promovê-los ou não (aprovação/reprovação). Mas será que o fato de classificar ou reprovar o aluno vai fazê-lo aprender mais e/ou melhor ? Nada indica que o fato de saber quem é melhor ou pior melhora o nível de aprendizagem do aluno.

Diante do exposto, propomos a seguinte questão: se o fato de classificar ou aprovar/reprovar o aluno não melhora a sua aprendizagem, então para que avaliar ?

Se não reduzirmos a avaliação às pesadas funções de classificar, aprovar/reprovar, ela deixa de ser problema, pois avaliar é um processo bastante comum em nossas vidas. Estamos sempre avaliando fatos, pessoas, fenômenos e sendo também avaliados por todos à nossa volta (inclusive por nossos alunos). Avaliar, portanto, faz parte do dia-a-dia de cada um de nós.

Nas instituições de ensino deveria acontecer a mesma coisa, ou seja, a avaliação deveria naturalmente, fazer parte de um processo – o processo de ensino-aprendizagem. A prática, porém, não é essa. O que observamos é a avaliação tornando-se cada vez mais, uma carga para o professor, que, em momentos específicos (geralmente estanques), verifica o que o aluno aprendeu, atribui uma nota e segue em frente com o seu programa. O aluno que teve boa "performance", ótimo e o que não obteve boa nota, tentará melhorá-la em uma recuperação ou em uma outra etapa. A matéria que ele não entendeu e não aprendeu se perde no passado.

Avaliar dessa forma, deixa muito a desejar em termos de dados reais a respeito da aprendizagem enquanto processo de formação do aluno. Segundo FERREIRA (1995/96), isso acontece quando ela não é encarada como um meio de obtermos informações sobre o processo, com a finalidade de conhecermos os resultados de nossa ação pedagógica e o aluno verificar seu desempenho.

Reforçando, PACHECO (1993) explica que a avaliação enquanto parte de processo, objetiva garantir a coleta de informações, as quais permitirão tomadas de decisões, objetivando a melhoria do próprio processo, pois compara metas previamente estabelecidas com o que foi efetivamente realizado.

Mas não é só isso. Além de comparar metas ou objetivos previamente estabelecidos com o que foi realizado de fato, é preciso também analisar por que alguns objetivos não foram atingidos pela maioria ou parte razoável

da turma. Perguntas tais como - (a) por que o objetivo "x" não foi atingido? (b) em que momento do processo houve falha? – são importantes fontes de realimentação, pois permitirão que o professor analise e adequue os meios e estratégias selecionados ao espaço e tempo disponíveis para a otimização do processo ensino-aprendizagem.

LUCKESI (1995) propõe que "... se ensinamos e os alunos não aprenderam e estamos interessados em que aprendam, há que se ensinar até que aprendam, deve-se investir na construção dos resultados desejados."

É possível investir na busca de resultados desejados para os nossos alunos? Acredito que sim. Para tanto seria necessário antes de mais nada, eleger prioridades, no momento da elaboração do planejamento. Estas prioridades podem ser encontradas nas respostas às seguintes questões: (a) o que realmente importa ao aluno aprender na minha disciplina? (b) o que posso ensinar dentro da carga horária da minha disciplina, deixando ainda um tempo para a reorientação de conteúdos que os alunos não obtiveram um rendimento mínimo desejado?

Nesse caso, segundo LUCKESI (1995), a avaliação se torna um elemento dentro do processo ensino-aprendizagem, com a finalidade de subsidiar o professor para que este detecte os níveis de aprendizagem alcançados pelos alunos, reoriente-os se necessário for, e só então, atingindo um mínimo de aprendizagem desejado pelo professor e aluno, passe para um conteúdo novo.

Todas essas mudanças na finalidade e forma de avaliar, transforma-a – de um grande problema – em uma grande solução, pois vivendo-a não como um fim em si mesma, mas como mais um meio dentro do processo de construção do conhecimento, nós professores, estaremos cada vez mais próximos de uma educação mais humana e comprometida com um dos principais atores do processo – o educando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Paulo Rogério de P. **Avaliar: um ato que exige mudança**. 1995/96, mimeo.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- PACHECO, Guilherme. **Avaliação em Educação Física. Boletim do curso Um salto para o futuro, programa no. 18**, 1993.
- VASCONCELOS, Celso dos S. **Avaliação: um processo dialético-libertador do Processo de avaliação escolar**. São Paulo : **Cadernos Pedagógicos do Libertad**, 1992.